



Bath, Maine
A criança
Feliz Natal, dr. Beagle
Guerreira da Luz
A pão e água
Minha cicatriz
Todo mundo jogava cartas na casa do Eddie e da Nonie
As fitas de despedida
Robin
Madras
1969
13 de fevereiro de 1982
Violência contra a mulher
Toys R Us
Neuromancer
Cachorragem
Meu casal
Mary Dolan: uma história
Popponesset
Marshfield
O alcoolismo do meu pai
21, 22, 23...
Sossego

Uma fotografia de Robert Mapplethorpe

Leslie

Epílogo

Ciúme

Chelsea Girls

Agradecimentos

Autora

Créditos

Bath, Maine

Eu não tinha porra nenhuma para fazer lá. Quer dizer, por que será que moro com a minha ex-namorada e sua nova namorada, e a ex-namorada *dela*. Como é que alguém pode se sentir bem assim. Eu poderia estar escrevendo esta história de uma cela de cadeia. Engraçado, né? Ted e Alice, antes da minha partida, disseram: “Nada é tão ruim que não possa piorar, Eileen”. Eu não sabia mais o que fazer. Peguei um voo, sim, eu fiz isso, para Portland, e a Judy e a Chris me buscaram no aeroporto. Eu estava muito doidona no avião. A Elinor me deu uma dessas metanfetaminas, de boa qualidade, e eu tinha também um punhado das pílulas que o Tom costuma tomar. Ele tinha dormido na minha casa na noite anterior. Eu estava escrevendo poemas de avião, esses poemas estúpidos em guardanapos de drinques que eles oferecem no voo. Meu Deus, eram horríveis. Sobre vitaminas e essas coisas. Estava sem cigarro, coisa que sempre me deixou especialmente louca, e usava um colar desses de miçanga vermelha, que não sei quando arrebentou, mas me lembro de ter sido no Maine — bem, as duas me buscaram e fomos direto para um bar —, acho que me lembro de comer um sanduíche de camarão com cerveja quando a Chris já estava tomando margaritas geladas. O lugar tinha todo tipo de lagosta no cardápio e aquelas armadilhas de pesca e por aí vai. Voltamos no carro da Judy. Naquela noite, fomos todas para um bar gay na capital, Augusta. Ah, meu Deus, que noite. Muito drogadas, bêbadas, foi delicioso. Todos os homens tiravam a camisa e dançavam. Ficamos putas. Queríamos tirar a camisa também. Então tiramos. Todo mundo achou que era uma ótima ideia. Exceto o gerente e uma dupla de barmen viados. Vistam suas camisas. Os homens não precisam botar camisa. Saiam daqui. Vocês não podem ficar aqui sem camisa. Vistam-se e caiam fora

daqui. Foi o que fizemos. Mas primeiro tiramos a calça e fomos caminhando em direção à saída. A Chris também atirou uma garrafa de cerveja neles. Ela sempre teve muito estilo. Isso aconteceu faz três anos.

Depois disso, tudo voltou ao normal. De noite eu já estava cheia de amor no banco de trás do carro da Judy com a Darragh, sua ex-namorada, mas na verdade estávamos procurando pela Chris, que já havia se separado de nós pois estava à procura de outra pessoa, um homem. É claro que estávamos bêbadas. A Chris havia sido enquadrada pelos policiais em sabe-se lá qual rubrica das leis do Maine, que era por dirigir doidona. Veja, esse era um jeito comum de ser preso. Trabalhávamos nessa fábrica e todas as manhãs, ou quase isso, alguém ia preso por excesso de velocidade, por dirigir bêbado, acontecia um acidente, começava a briga. Esse é o estado do boné de beisebol e dos caminhões. Eu adorava. Todos os homens eram muito homens, e todas nós éramos muito lésbicas, e todo mundo gostava de ficar bêbado. Depois do trabalho sentávamos nesse imenso e verde gramado e o Casey, o patrão, descia caixas e mais caixas de cerveja e a gente ficava muito doidão. A Sheila era um problema. Ela era uma loirona e tanto, e era a namorada do Casey e estava muito interessada no fato de eu e a Christine sermos lésbicas. Veja, eu sou uma presa fácil do paternalismo, adoro ter um chefe que é um rapaz bom e jovem, e quando sua namorada parece querer algo a mais, acho fascinante, e eu quero ser a pessoa que ela deseja, mas faço um esforço e saio pela tangente.

A Chris parou de beber depois daquela noite de detenção. Ela ainda tinha que responder no tribunal, foi um rebuliço. Eu adorava quando ela estava sóbria, ela só ficava mais e mais bonita, radiante, e sem aquele inchaço provocado pela cerveja. Eu nunca vi isso fazer tanta diferença para alguém quanto para ela. E também foi um alívio. Certa noite eu estava na cama com a Judy e ela chegou com um pé de cabra. Eu vou reformar sua cabeça, sua cuzona. Que momento assustador. Eu podia ver a sombra de sua cabeça, mãos e pé de cabra contra uma luz intensa. Sabe, eu já vinha me preparando para isso durante uma

semana no mês anterior e pensei que seria como estar em Valhala. Sabe, era como o paraíso. Judy tem essa casa no meio do nada no Maine, com ovelhas baaah-lindo no campo, e ela tinha cachorros, um deles um labrador preto chamado Myles, e também três gatinhos, e galinhas, e um galo, ovos frescos e belos cafés da manhã na cama com batata frita e licor à base de café jamaicano. Na primeira noite eu estava acordada naquele momento em que eu e a Chris ficávamos instantaneamente apaixonadas de novo assim que ficávamos bêbadas, e já no corredor, nos beijando, e dizendo: mas e a Judy. Então nós três já estávamos em sua grande cama — eu logo parti pra cima da Judy. A Christine não gostou disso — eu não deveria gostar tanto. Era só uma *foda bem dada*, disputas, desde o começo — e só uma grande eclosão naquela semana — a Chris tinha saído pra correr e eu e a Judy ficamos na cama e quando ela voltou a coisa descambou para outro lado — “Como assim comigo essa porra nunca acontece?!”. E a Judy já lhe dava o que queria. A Christine era uma tirana emocional. Nós vivemos juntas durante alguns anos em Nova York, antes de ela se mudar pro Maine, e foi necessário observar os movimentos do relacionamento dela com a Judy para perceber como ela era complicada e insuportável. Eu era uma nuvem bondosa, que pairava e se movia lentamente, e esperava ser reconhecida. Nunca entendia por que a vida não podia ser satisfatória. Eu estava sentada em seu sofá, ou bebíamos seu uísque no meu apartamento. Então vamos sair, eu dizia. Por acaso você tem grana. Eu tô dura. Desculpa mesmo.

Teve uma noite, depois do trabalho, que nós fomos beber em Bath, Maine. “Nós” significa eu e a Chris que estava dando uma escapada naquela noite, achei que tudo bem, a Sheila queria sair com a gente, e tínhamos que passar em casa pra buscar a Judy. Eu acho que todo mundo estava indo pra tocar naquela noite, elas tocavam com um cara de Bath, sr. Michael, um desses arquitetos que têm um loft. Todos os amigos da Judy tinham suas profissões, mas fingiam ser artistas. Eram um nojo, no entanto tinham tudo: lofts, carros, casas etc. Papaizinhos e mamãezinhas. Costumam ser desinteressantes e não têm nada

para dizer, mas, por um tempinho, parecem fantásticos. Pra mim, são todos uma farsa.

Não acho que a Judy estava morrendo de amores por mim. Acho que eu estava presente para neutralizar a situação. A Christine ficava bêbada e me ligava. Ou então ela falava de mim o tempo inteiro. Beleza, fiquemos com essa imagem para analisá-la. O que rolou foi que de uma noite para outra a Judy viu desaparecer toda a sua coleção de homens sarnentos: Ron, o faz-tudo, que ela sempre deixava pra “beliscar” depois, ou o zé-fuinha que sempre sabia tudo, sobre eletricidade ou sei lá o quê. Eles faziam o tipo anti-intelectual que fazia de tudo pra trepar com a Judy, e ela os mantinha por perto para, sei lá, diversão, e certamente ajudas pontuais, e acho que ela os via como pessoas exuberantes e até valiosas. Davam a ela a ilusão de que tinha se ruralizado. Ela era consultora de uma associação ambiental, ia visitar fábricas de peixe e voltava bêbada. Antes disso, era corretora em San Francisco. Agora é uma espécie de cineasta em Boston. A Judy só parece normal. E nunca vai deixar de contar sobre a escola de boas meninas que ela largou. A mãe dela é uma bêbada. A Judy é esse tipo de mulher que despreza a própria mãe, mas é igualzinha a ela.

Então uma vez a Judy disse para a Chris, enquanto passeavam de carro, eu não entendo o que leva a Eileen a pensar que ela sempre tem a chave da verdade absoluta. Foi o que ela disse. O engraçado é que eu imagino o carro dela dizendo essa frase. Uma dessas cenas na qual um Datsun branco está cambaleando pelas estreitas estradas vazias da região do Mid Coast e o carro diz: “... a pensar que ela sempre tem a chave da verdade absoluta”. Não fode, Judy.

Lembro de estar em pé atrás do caminhão naquela noite fatídica tomando uma cerveja e pensando: não vai dar certo — naquela noite parecia que sim — isso de ir com as garotas para Bath. A Judy e a Chris tocaram com o Michael, Judy no baixo, Christine na percussão, Michael no vocal. Eu e a Sheila fazendo degustação alcoólica pelos bares locais, parece tranquilo, mas — o quê?

O que eu estava tentando dizer sobre a Judy e seus brutamontes era que esses gambás tarados iam chegar — naquela noite fizemos um balde de daiquiri de morango com rum Mount Gay que eu não parava de beber, e assim que a Chris ficou bêbada, ela passou um pedaço de papel para a Judy que, eu só soube mais tarde, dizia “Quero te comer” — não sei como a Christine engoliu essa, e as duas saíram tropeçando e morrendo de rir, me deixando de fiscal de jogo com seus encantadores amigos. Foi para isso que me convidaram para o Maine. Os caras falavam muito devagar — parando a cada frase para esperar minha reação de moça. O máximo que eu conseguia fazer era soltar uns *heh* ocasionais. Depois de um tempo me concentrei nos meus próprios pés.

No trabalho a gente afundava essas pequenas — ou às vezes razoavelmente grandes — armações de madeira em barris de corante. O destino delas era os parques de diversão baratos e as cidades praianas dos Estados Unidos. Esses troços com inscrições como Grateful Dead, ou NY Yankees. Depois de mergulhar essas armações em barris de corante e organizá-las em fileiras de vinte varetas suspensas, empacotando tudo e passando fita adesiva em cada pacote e empilhando tudo num caminhão para Chicago ou sabe-se lá onde, ao final do dia eu virava uma grande mancha marrom da cabeça aos pés, como um personagem de Dickens, eu imaginava. Não me dava ao trabalho de tirar isso de mim antes de me embebedar. Quando eu estava mais relaxada era melhor, ficava mais sexy.

Então essa noite estávamos todos com esse “gozo” no corpo — era tipo um bronzeado, como gordura de bacon, e parecia vir em pote de maionese, mas as pessoas que eu conhecia compravam em grande quantidade. Tava na hora de ir embora, então tínhamos que tirar todas as manchas. O que eu parecia sempre: um dálmata. Eu acho que os cachorros são os seres mais bonitos, e os mais perfeitos. Sheila parecia estar doidona de vodca com suco de cranberry, uma bebida chamada Cape Codder. Lembro que tomei umas chuveiradas, e que fui embora com um drinque e uma cerveja, e de ficar bem alta brisando se

naquela noite eu precisaria sair do meu estado loucão.

A luz parecia translúcida, quase perolada, e pegamos o carro, lotado de cerveja, em direção a Bath. Senti falta das drogas. A única coisa garantida era aquela maconha local de merda. O David ia chegar no final do mês e eu estava implorando para ele trazer heroína. Estava começando a achar que era preferível ficar bêbada. Quer dizer, se fosse pra ficar bêbada de verdade, com muito menos era possível atingir o mesmo estado de brisa louca dando uma cafungada. Eu gostava. Mas na última vez que consegui fomos roubados.

Estacionamos em frente à casa do Michael, e Sheila percebeu que precisava deitar um pouco no loft. Veja, nós trabalhávamos muito duro, entrávamos às seis horas, então algumas noites eram mais puxadas. Então eu entrei rapidamente, tempo suficiente para lembrar de um grande banheiro amarelo, e um agradabilíssimo loft para o qual o Michael “tinha dado muito de si”, que mala. Então fiquei feliz de ter que sair sozinha.

Os bares de Bath eram como os bares de todos os lugares, salvo a desconfiança da Nova Inglaterra, ninguém fala com você. Saquei meu caderno, mas não conseguia nem me comunicar comigo mesma. Eu estava bebendo vodca com grape-fruit. Estava vestindo uma camiseta branca com a inscrição FATS WALLER. Comi uma porrada de amendoim. No bar seguinte, eu troquei pra tequila. O que poderia acontecer comigo. Sentei numa mesona de centro, meio gótica, meio rococó de fazenda, com uma grande vela. Não queria ninguém perto de mim. Parecia um lugar meio “de pegação”, anexo a um restaurante. A clientela era queimada de sol, tinha um frescor, como veranistas. Estava me sentindo melhor? No último lugar onde eu já não tinha nada para dizer no meu caderno, comecei a anotar as palavras que saíam da jukebox.

And only love
can break
your heart
So try to make sure

right from
the start...

Fiquei desconfiada. Já tinha determinado que não estava mais apaixonada pela Chris, tinha decidido ser uma espectadora impassível, seria um prazer não dar importância pra isso. E daí se eu não sabia mais o que sentia? Provavelmente eu nunca soube o que sentia. Gosto mesmo é de ficar bêbada e estar apaixonada. Se eu não estava nem uma coisa nem outra, eu só queria poder pagar meu aluguel, meus cigarros, o café, só isso. Eu gostava muito da vida de poeta.

Fui interrompida pela Sheila e pela Chris. A Judy é uma cuzona, continua a Chris. O que você está bebendo, margaritas? Oba, vamos pedir quatro, acho que eles são meio lentos aqui. Então estávamos todas no banheiro, espalhando papel higiênico, todo mundo se beijando. A Judy e o Michael apareceram bem na hora em que estávamos sendo expulsas. No bar seguinte, ficamos meio em fila observando alguma coisa, mas não consigo me lembrar o quê. O lugar de cada um na fila era muito importante, mas eu quis dar um pulo lá fora.

Acho que eu estava sentada no meio-fio quando os policiais chegaram. Tudo se desenrolou muito rápido, como uma neblina cinzenta.

O policial tentava tirar a Chris do banco da frente do carro da Judy. A Chris segurava no cabelo da Judy que, por sua vez, segurava o volante com muita força. Minutos antes as duas se digladiavam pelas chaves do carro. Tampada no álcool, naturalmente, a Chris queria dirigir. Acho que ainda a amo. Ela é um monumento de cabelos cacheados à raiva e à intolerância. Parecia minha irmãzinha, tão má e que eu queria ser como ela. Então ela estava socando a cabeça da Judy na caixa de câmbio, e talvez tivesse conseguido as chaves se o policial não tivesse aparecido. Achei que aquela briga não era minha. Sabe, eu cresci num lar alcoolizado, e por conta disso não reajo à violência. Acho que isso me apavora, mas também me atrai muito. Eu nunca bati em ninguém, mas adoraria matar muitas pessoas.

Tá tudo certo, eu digo para o policial, enquanto ele atravessava a neblina cinzenta em direção ao carro branco. A briga delas continua, ele diz *Parem* na janela do carro e a Chris lhe dá um soco na cara. Meu Deus, eu a amo. E aí ele começou a puxá-la para fora do carro.

Como a famosa voadora que eu dei num garoto na sexta série, o derradeiro aceno de *tomboy* da pré-adolescência, não lembro de quando saí do chão, só lembro de navegar pelo espaço, montar nas costas do policial, dar uma chave de braço em seu pescoço para asfixiá-lo, desviá-lo, ou sei lá. À medida que flutuava em sua direção, eu tive uma visão. O deus mulher, ou o deus cachorro, ou o papai do céu doidão bebaço, todos os deuses que me protegem na vida não me encorajaram o suficiente para que eu alcançasse a única coisa que eu via enquanto voava em direção aos ombros azuis do policial. A arma!

Não, eu desabei sobre os ombros dele, e logo eu estava lá, esborrachada na calçada com a cabeça zonza, spray de pimenta na cara, ardia muito, de repente eram muitos policiais, um holocausto, e também algemas. Eu era uma espécie de justiceira da liberdade. Já fui algemada várias vezes. Algemas fazem de mim uma selvagem.

Eles tentavam tirar uma foto minha na delegacia, e, claro, eu não parava de esbugalhar os olhos, botar a língua pra fora, cuspir no chão. Eles não iam ficar com uma bela foto minha da prisão. Escrotizei muito uma policial gorda que estava lá. Você é uma traidora de mulheres, sapatão, você mesma, sua caminhoneira, se enxerga, piranha, traidora, você gosta de chupar buceta, não gosta? Acho que comecei a fazer isso já no carro da polícia a caminho da delegacia — que não ficava longe dali —, a delegacia era do outro lado da rua onde o carro branco da Judy estava estacionado. Enquanto xingava essa mulher, eu não parava de cuspir no chão. Minha camiseta do Fats Waller já estava na altura dos ombros, de modo que a puxei pra baixo e comecei a berrar truculência policial, crueldade policial.

Cala a boca, Eileen, disse a Chris. Em suma, a Christine acreditava que eu é que tinha começado, que a culpa era minha

por aquela confusão toda. Foi aí que ela começou a pirar. Ela não sabia que ele era um policial, foi a história que ela contou. Eu sabia que era uma arma e fiquei feliz de não ter conseguido alcançá-la. E, do fundo do meu coração, sei que no momento em que voei pra cima dos ombros azuis da lei, eu voava pela Chris, eu a amava, e queria salvá-la do desempenho medíocre dos Datsun brancos, libertá-la do cativeiro da burguesia, talvez para confortá-la nas planícies devastadas da minha arte trôpega e do meu amor. Oh, Chris!

Bem, ela não gostou nada nada, cadelinha safada, eu devia ter ficado na minha. Estava piorando muito as coisas.

Ademais, meu grande momento na delegacia de Bath, Maine, foi quando puxei minha espada e revelei a todo mundo que eu era poeta.

Eu sou uma poeta, seus frouxos, *policiais* cuzões! Poeta sempre significou para mim santo ou herói, o dançarino atrás do vidro ensebado de minha alma, a mão amiga que nos conduz através dos tempos, o zumbido que registra minha essência diante do lampejo impetuoso, deus, o motivo pelo qual estou viva. Essa foi a saída que esta ex-católica achou quando se deu conta de que se ajoelhar não mantinha ninguém vivo nem ajudava os mortos a deixar de ser insondáveis. Eu era uma criança religiosa, mas minhas preces eram ritualismos de proteção — Deus, cuida da vovó, do vovô —, a lista era tão grande que ficou impraticável, lá pelos meus onze ou doze anos, então comecei um diário e me sentava sob a luz da escada e anotava o que eu tinha comido naquele dia, as pessoas que eu achava que me odiavam, e as que eu amava, minhas conquistas. O poema era fruto do trabalho, quando eu me dei conta de que não sairia vitoriosa, não era um presente. Então comecei a morar dentro dos meus poemas, e via minha vida pela perspectiva da perda, logo, poética.

Tá certo, tá certo, então você é poeta, vamos ouvir um poema. Eu não *sei* quais poemas ofereci a eles, com superioridade, muito compenetrada no papel. Eu segurei o poema, o sagrado documento. Ok, vamos lá. Foi uma espécie de

martírio, batismo de fogo e sangue.

O título: “Frango assado”.

Eu hesitei, me enrolei, esqueci várias partes, eles zombaram de mim, mas eu consegui. E então, nada aconteceu.

Às vezes...

Frango assado!

Tá, tá, “Frango assado”.

Às vezes...

Poeta que nada, ela nem sabe seu próprio poema.

Às vezes

no meio

da noite.

Eu penso em

abraçar você

assim toda

gata bronzeada

Eu penso

toda gata

bronzeada...

Eu mandei essa. Eles nem estavam mais ouvindo. Falhei. E daí. A prova de sangue valeu.

Às vezes

no meio

da noite.

Eu penso em

abraçar você

assim toda

gata bronzeada

desejando que

você fosse

só minha

e eu

só sua.

Fim. “Ah, não”, disse a Chris, quando perguntou qual poema eu estava despejando em cima deles. “Ah, não”, ela se acanhou, “esse não.”

A criança

Um dia, na sétima série, eu cheguei da escola com um castigo em mente que evocava a cara branca e gorda da Giovanna, “Eileen Myles, repetir quinhentas vezes, eu não vou conversar no corredor”. Lembro dos meus pés ficando mais pesados que o normal enquanto subia os degraus cinza da St. Agnes School. Até então, estávamos no terceiro andar. Sete anos se passaram até conseguirmos isso. Uma vez lá em cima e você estava livre. Para alguns de nós, significava só o outro lado da rua.

Então eu cheguei da escola naquele dia muito empenhada em me irritar. A Kathy Marshall ia dar uma festa à noite, os garotos eram convidados a chegar mais tarde, então era uma festa de garotos e garotas de que eu poderia participar — começava só com as garotas, então acho que eu poderia ir.

Ela não estava prestando atenção em mim naquele dia enquanto eu contava pra ela sobre o meu castigo. Vigia seu pai enquanto eu vou pendurar as roupas no varal, tá? Você vai arrumar a mesa de jogos na saleta. Era mais uma tarefa “vigia-papai”. Eu já tinha uma pilha de papel, branco com linhas azuis, e fui fazer meu castigo à caneta. O lápis perdia a ponta muito rápido e tinha que ficar apontando toda hora. Às vezes era legal deixá-lo todo uniforme, apontado dos dois lados, e rolar o lápis pelo chão. Uma vez eu acabei com uma esferográfica, uma caneta Lindy, copiando a Constituição sete vezes. Eu adorava ver uma caneta morrer, em vez de perdê-la, como sempre. Ou de alguém surrupiá-la na escola.

A mesa de jogos era macia como um papel antigo. Às vezes eu encostava meu rosto nela e esfregava. Uma vez minha mãe me viu fazendo isso e chamou minha atenção de um jeito assustador, como se eu estivesse fazendo uma coisa muito doentia. Tudo o que acontecia não parecia normal, então acho que era por isso

que ela se assustava tanto. Ela queria que tudo parecesse bem o tempo todo. Porque ela era uma órfã.

A mesa de jogos era muito marrom e tinha uma pintura antiga de uma casa de campo com árvores e talvez pessoas com chapéu de palha e um cachorro. Era mais fácil não pensar nela como uma pintura, e sim mais como um tapete, que tem esses desenhos mas você não acha que é uma pintura. Você só presta atenção nesse tipo de coisa se estiver enfiada em uma igreja. Lá, eu ficava contando tudo, era a minha oração. Eu sabia quantos buraquinhos havia na redoma do teto que ao mesmo tempo pareciam luzes saindo de um cano, e eu conhecia a estética de pergaminho muito bem. Embora eles me deixassem enjoada, eu girava em torno deles como um carrinho. E então eu contava novamente só por garantia. Era a minha tarefa. Na missa de domingo, eu só conseguia ficar na igreja porque rastejava entre essas coisas. Caso contrário, tudo se perderia e eu estaria só.

Papai deitou no sofá à minha frente vestindo sua camisa xadrez cinza. Eu gostava daquela camisa, ele enrolava os punhos dela até o cotovelo, e tinha pelos escuros nos braços, e usava uma aliança, e, antes de fazer qualquer coisa, sempre tinha um cigarro pendurado nos lábios, pensava por um tempo, e só então falava. O máximo, fumando encostado na árvore. Ou então na janela de seu carro.

Pai, enquanto você está deitado aí dormindo, eu consigo sentir as suíças do seu rosto, e sentir os pelos da sua mão e ver seus chinelos no sofá, era muito engraçado, você só usava aquelas meias brancas de carteiro que o médico disse que eram mais saudáveis.

Pai, o pior momento que vivemos juntos foi quando a Mary McClusky estava hospedada lá em casa e você estava com a sua camisa vermelha de lenhador deitado com aquelas suas terríveis dores de cabeça latejantes que lhe faziam parecer que ia chorar de repente, você colocou dois dedos nos lábios — você estava falando ao telefone ou estava assistindo a um filme na tevê. Você não conseguia falar e continuava com esse gesto de colocar dois dedos, e mesmo que eu sentisse que não era o que você queria,

eu me ajoelhei e beijei você na frente da Mary, o que era difícil de fazer porque ela era tipo uma *tomboy*. “Não, merda, é um cigarro que eu quero.” “Ela beijou ele”, Mary riu. Myles beijou ele, ela riu durante todo o trajeto até Swan Place como se eu não estivesse ali. Eu sei que você ficou com raiva por causa da sua dor de cabeça, pai, mas eu me senti uma idiota. Acho que só quis te beijar na frente da Mary porque você estava deitado lá convalescendo.

No dia em que você morreu acho que eu já sabia que isso ia acontecer. Eu senti como se estivesse numa igreja. À sua frente: Eileen, vigia o seu pai, como eu fiz o tempo todo. Quando vi o que estava acontecendo eu entendi que era isso mesmo e eu sempre quis ver alguém morrer, e aqueles ruídos que só revelavam mais e mais coisas, e eu sabia exatamente o que estava acontecendo mas continuei ali, inclusive escrevendo para ter certeza de que estava acontecendo de fato. Isso não pode ser mentira. Eu não quis contar pra ninguém, eu queria ficar sozinha com você quando isso aconteceu porque era como se você fosse só meu desde sempre e esse era o meu dever, ficar ali e ver, e só *depois* contar para todo mundo.

Odiei tudo o que aconteceu depois, o jeito como fui ignorada, e eu estava lá. Ninguém nem contou pra ninguém que eu estava lá quando isso aconteceu porque eu era uma criança, sua filha? As pessoas falando pro Terry, bem, agora você é o homenzinho da família. O padre MacGinty pedindo pra Bridgie organizar as mesas pra ele enquanto todo o resto da casa estava chorando, exceto eu. Eu era o quê, invisível. Bem, a partir daí eu passei a ser invisível. Se eles pensam que eu sou uma criança, serei uma criança para sempre. Eles me fizeram usar roupa de mocinha no velório. Laçarote de veludo preto na cabeça e uma saia reta de lã azul real, e saltinhos. Nojo. Quase cochilei enquanto chegava gente à igreja na manhã do funeral. Avistei meus amigos na última fileira e pisquei pra eles, e a Franny me disse depois que eles choraram muito naquele dia.

Queria ter estado na escola no dia em que eles anunciaram pelos alto-falantes, “Façam suas preces em memória do pai de

Terrence, Eileen e Bridget Myles. Ele morreu na última quinta-feira. Eles não virão à escola hoje”. Todos naquele lugar vão ter que pensar em mim e as crianças que me odeiam não vão saber o que fazer. O que eles podem fazer? Sentar e me odiar porque meu pai está morto. Rá. Problema deles. Especialmente dos garotos.

Todos os garotos que eu amo e me acham idiota e as garotas que acham que são melhores do que eu vão se ferrar. Eles não podem dar um pio. Quando cheguei à escola todo mundo agiu do mesmo jeito e eu detestei tudo. Eu tinha que agir diferente. Eu agi de um jeito muito sério e não colou. Agi como se eu nunca mais pudesse fazer nada porque estávamos pobres.

Não estávamos, mas decidi que me comportaria assim. Fiquei triste, mas decidi que esse era meu novo jeito de ser. Nada me abalava. Tudo estava calmo. Mamãe era engraçada, Terry era mau, Bridgie se arrastava atrás da minha mãe. Eu agi como uma criança. Eu seria uma beatnik. Eu deixaria todo mundo triste e seria a legalzona. Gargalhadas, Eileen.

Feliz Natal, dr. Beagle

Tem um lugar aonde eu não vou mais. Pegue a linha F em qualquer lugar, com sinos tocando e tudo, ar condicionado no verão, para a avenida Roosevelt, lá você muda pro trem número 7, geringonça, clima árido, pessoas sinistras, enlatadas, até o extremo final da linha, e desça na estação Main Street, no Flushing, Queens. Suba e saia no sentido da loja de departamento Alexander's, finalmente atravesse o cruzamento para a área dos prédios de tijolinhos, dê mais alguns passos, observe o aviso do sistema de segurança em sua porta bordô, entre no luminoso pesadelo do escritório do dr. Beagle. Aviso. Assine seu nome na prancheta. Eileen Dolan. Escolhi esse nome há oito anos na minha primeira viagem ao seu consultório porque minha melhor amiga distante tinha esse nome. Ela é enfermeira, seu marido é médico, eles abominavam isso, que eu usasse esse emérito pseudônimo como solução para minha vida de manhãs infinitas. Acorde. De novo e de novo. Pílulas turquesa que quebram ao meio por causa da linha denteada de sua circunferência. Feitas para quebrar, para dividir. A Alice adorava mear. Eu fiz alguns amigos assim. Olá. Quer metadinha? Eu adorava. Primeiro o gostinho salgado, e então — *bling-bling* — as pequenas glândulas se abriam atrás da língua para o gosto familiar. Uhuuuu. Não as pílulas mais fortes, ou as mais ásperas, ou as mais suaves, mas sim as mais belas, minhas pílulas azuis. Durante sete anos, eu pegava oitenta e quatro pílulas por mês. Primeiro eu lhe vendia dez, mas entregava seis, pagava o dinheiro que lhe devia dando dezesseis de graça, e um ácido de brinde. Às vezes a situação apertava e eu vendia tudo para o Harry na Strand. Descia nervosa as escadas pro porão. Oi. Dois sorrisinhos sem graça, e me escamoteava pelas escadas de volta, livre na rua. Ou às vezes fazia mais uma parada.

A Ellen era amiga da Sherryl, na faculdade de medicina, a Ellen tomava muita anfetamina. Eu era sete quilos mais gorda que ela, eu estava em ótima forma. Ela pegou um carro emprestado e avançamos pela rodovia I-278, Brooklin-Queens, para o primeiro dia de consulta, há oito anos. Eu não tinha interesse, eu juro, não curtia drogas, mas sempre bebi muito. Concordei em pegar quinze do primeiro lote e, hesitante, tomei uma. Não foi tão maravilhoso. Só me senti um pouco diferente, nervosa, sem fome — um iogurzinho só tava bom. Notei que café e cigarro caíam melhor e... tirar xerox no trabalho era uma alegria! Flash, flash, flash, eu adorava assistir as folhas saindo da máquina, comecei a cronometrar isso balançando os quadris e flexionando os joelhos. Eu adorava a calma agradável de xerocar. Eu tinha um caderno onde anotava meus pensamentos. “Dry Imager.” Era o nome de um pequeno poema que escrevi naquela época.

Eu estava frequentando o workshop da Alice às sextas e eu lhe dava umas no bar depois para fazer ela gostar de mim e dava certo. Às vezes ela gostava de mim de qualquer jeito, mas, nessas situações, ela gostava mesmo de mim. Eu misturava bourbon com as minhas pílulas azuis de metanfetamina e uma vez eu caí em cima da Phebe por isso; na outra caí no Locale. Foi muito constrangedor. A) Eu estava com um grupo de escritores mais velhos que me permitia sair com eles e eu estava me saindo bem e B) o barman correu para colocar gelo no meu nariz, creio eu, como se eu fosse um cachorro, e eu percebi que o conhecia. Eu havia sido garçonete no bar em que ele trabalhava antes desse. Eu era uma bêbada. Era nítido.

Falando em alto e bom som agora, quero deixar claro para você que essa é uma jornada romantizada pela qual eu não me aventuro mais — pelo menos desde março passado, e eu me dei conta de que entrei nessa com mais frequência do que qualquer outra coisa que eu tenha repetido tanto na vida nesses dez anos que vivi em Nova York. A viagem para o consultório do dr. Beagle era como chegar em casa. A espera era excruciante. A gente nunca via uma pessoa bonita por lá. Nem mesmo fofa.

Grandes coxas de calça jeans. Coxonas. Como tudo isso se passava no Queens, tudo era sintético. Blusas, bolsas, sapatos, quadros, cadeiras de vinil, meu nome — eu não conseguia acreditar que aquelas pessoas eram reais. “Sargent”, a enfermeira atrás da mesa chamou. Uma gorda levantou. Sargent, a enfermeira repetiu, e entregou a “Sargent” seu cartão. *Eileen Dolan*, eu era a próxima. Olá, eu disse, com indiferença. Me senti minúscula. Mas o que será que essa piranha gorda está fazendo lá em cima e senti uma acusação coletiva de gordofobia vindo na minha direção. “A gente quer entrar no biquíni este verão”, a planária se dirigia a mim, “então, sra. Dolan, vamos ter que nos esforçar mais. Evitar pão”, ele falava devagar, “cortar doces”, flertou, “e eu tenho certeza...”, ele jogou o cartão desgastado por cima dos outros, “... que vamos notar o *progresso*”, ele tocou a sineta para a próxima vaca entrar, “no mês que vem”. Filho da puta cínico, pensei comigo mesma, jogando o pote de pílulas tilintantes na bolsa. Eu normalmente já começava a desenroscar a tampa no corredor e jogava duas no bolso do meu jeans.

Fiz uma parada no pub Barn-hill pra mandar pra dentro. E esperei. Nas primeiras vezes me vi “desembarcando” num lugar entre o Queens e Manhattan, na linha F. Eu estava prestando atenção no céu enegrecido do Queens industrial e, pá, um painel de vidro plano clareou minhas sensações, deixando-as mais suavizadas e gráficas. Eu podia encarar aquilo. Como pedaços de assunto. Ali. E às vezes uma boa solução me vinha à mente. Eu casaria com esse cara ou iria para New Hampshire no verão. Deixar Nova York quando fizesse trinta anos. Eu devo fazer isso. Para ter um pouco de integridade. Boa. Resolvido, o que eu vou fazer esta noite?

Eu não sei, acho que eu queria uma companhia para o meu ritual. Mas, como todos os rituais, esse era privado. Talvez eu fizesse uma parada na loja de donuts do lado direito da avenida Roosevelt no meu caminho para o trem. Era a loja de donuts mais sintética. Os sanduíches eram servidos... mulheres velhas, uns poucos homens limpos, eu, fumando um cigarro e tomando

café. Tirando meu isqueiro de plástico do bolso e o enfiando de volta, conferindo o troco, apreensiva, mudando as coisas de lugar até a hora de voltar para pegar o metrô novamente rumo à quinta marcha, ao fim de semana acelerado. Essa lanchonete foi só um treino.

“Vamos entrar e pedir uma cerveja!”, sugeriu Christine. Não, eu sempre vou naquela lanchonete mais à frente... “Pra que isso! Vou pegar uma cerveja. Vem.”

Estava muito escuro lá dentro, um clássico bar com tudo marrom. Velha Nova York. Jovens depois do trabalho, caras mais velhos, caras que praticamente moravam ali, cerveja gelada e barata, uma boa jukebox. Ficamos lá no tempo de uma, duas, três cervejas. Fizemos amigos. Ganhamos drinques. Por fim, o trem, no terminal Main Street Flushing. A essa hora da noite, ninguém vai para Manhattan. Eu vou. Tenho um latão de cerveja Schlitz e inclusive estou fumando um cigarro no trem. Estou beirando os trinta, estou com a minha namorada. Tudo certo. Tô cheia de poemas.

Aquele foi o pub Barn-hill. Muito holandês, na minha opinião. Algumas experiências são como os charutos, que eu nunca fumei. Algumas experiências são como estar perto da fumaça dos charutos. E tolerar isso na medida do possível. Todo mundo queria me encontrar às sextas-feiras. A Lucy e o Greg. Lucy. Eu descia até o Prescott, onde ela trabalhava preparando drinques, e punha uma pílula na mão dela. Você já tomou uma?, ela perguntava. Lucy se viciou na infância. Uma filha de médico. Já.

Quantas? Acenei que duas. Pode ser exagero, mas me sentia uma traficante. Depois do enterro do Ted, eu estava voltando da Strand em direção ao centro da cidade sem pensar em nada, vestindo minha camisa listrada favorita e fumando um Marlboro. Fazia um maravilhoso dia de verão, meu melhor amigo tinha acabado de morrer e eu estava levando umas pílulas para a Alice, última viagem, e me sentia ótima. Eu ia chegar atrasada ao trabalho. Trabalhava no banco Irving Trust, de frente pra estátua verde da Trinity Church, contabilizando créditos e débitos, fazia isso e olhava pra estátua, tomava café, fumava, essas coisas.

Tinham me dito que esse era o tipo de trabalho que se faz para ser uma pessoa melhor. Todos ao meu redor pareciam piores do que qualquer um que já houvesse estado perto de mim antes. Mas para os taxistas eu era uma traficante de cocaína. Foi assim. Eu esqueci o Ted, o trabalho, praticamente só comprava pílulas, pílulas azuis de metanfetamina por trinta e cinco dólares, e as vendia por cem e ficava bêbada com o lucro da noite. Eu tinha esquecido disso, mas foi bem por aí. Vá dar um passeio fora da vida que você leva, volte renovada, ache uma solução e ganhe um pouco de dinheiro. Limpe seu apartamento. Escreva um pouco.

Guerreira da Luz

Meu nome significa Guerreira da Luz quando você o traz para o presente através do latim e do gaélico. Eu sou uma pessoa importante, talvez uma santa, ou maior que tudo isso. Eu ouvi dizer que você julga uma santa por vários aspectos de sua personalidade, não só pelos trabalhos que realizou. Estou começando a ver o meu trabalho como vejo meus fantasmas, cada vez menos necessário, feito com muito pouco cuidado. Entendo a minha existência como semelhante à de um relógio de sol quando estou simplesmente parada, e de maneira lenta a noção de movimento sugere isso à minha consciência e a ação é também recomendada no domínio do sagrado, a personagem que começa sua vida nas janelas de uma igreja, em meio ao ar devoto de sua imaginação, até que a história se alinhe à sua natureza, e o caminho se torne claro — as crises de identidade explodem e implodem e se refazem, e um dos soldados da infantaria da vida percebe que toda a base de sua existência mudou e que agora algo mais forte o conduz em direção a um novo caminho. Pensei que vivia em um mundo de confusão e escuridão e que eu era a única coisa luminosa e verdadeira. Eu só enxergava os companheiros que me confirmavam essa interpretação do mistério que encobria minha vida. Eu não conseguia sair dessa, nem teria escolhido fazê-lo. Eu estava em salas de aulas e escritórios, bares, hospitais, escolas públicas para os irremediáveis, e por algum tempo senti uma pontada de esperança, mas como um motorista de táxi eu dirigia continuamente para esses lugares sem fim pois havia a esperança da mudança no próximo quarteirão, e o desejo por um ambiente onde eu pudesse ser útil sempre se extinguia depressa e era assim que o mundo era, ou eu era.

Como tantos outros, eu virei artista. Escolhi não boiar no

acaso cultural. Sempre fui brilhante no campo da encenação.

Nas brincadeiras de rua, eu sempre caí matando em cima das outras crianças. Quando o sol se punha nas noites de verão no subúrbio, eu era uma vencedora. Eles chamavam de pique-coisa, eu e outra criança fazíamos a finta, investíamos pelo meio de campo para disputar um objeto no chão que tinha que ser pego e trazido de volta pro time sem que o jogador fosse tocado, e era isso que acontecia — eu nunca era tocada pelo meu adversário.

Havia algo de imundo na adolescência, não era o sexo, era o fato de que eu me odiava quando estava confusa, a aversão pela simples tarefa de ter que esperar que algo acontecesse. Mas quando eu era mais jovem eu tinha uma missão, era uma missão clara. Uma garota da escola queria emprestado meu gibi da Joana d’Arc e eu respondia que tinha que perguntar ao meu pai se podia, tipo de resposta que soava um pouco estranha.

Minha excentricidade, meu constrangimento também confirmavam minha singularidade. Meu pai tinha me confiado esse gibi, desses para iniciantes, sobre a Joana d’Arc, a primeira mulher que eu quis ser. Era um manual de instruções, e se a garota, Joan Salinger, tivesse se sentado perto de mim no parquinho da escola e dito, “Empresta pra mim, Eileen — Guerreira da Luz”, silenciosamente eu lhe daria essa honra.

A vida inteira eu esperei permissão para fazer as coisas. Eu sinto isso crescendo no meu peito. Uma guerra se arma bem atrás de mim e eu direciono minhas energias para a luz.